



cinema

semanario cinematográfico

Ano 1.º
N.º 36

Preço
1\$00

E' hoje, sabado, 26 de Novembro

que a

Companhia Cinematográfica de Portugal

apresenta no cinema RIVOLI o fonofilme

“A AVENTUREIRA DE TUNIS”

Uma super-produção cheia de movimento
e interesse realizada pelo DR. WILLI WOLF
e interpretada pela grande actriz

ELLEN RICHTER



BREVE MENTE

a Companhia Cinematográfica de Portugal

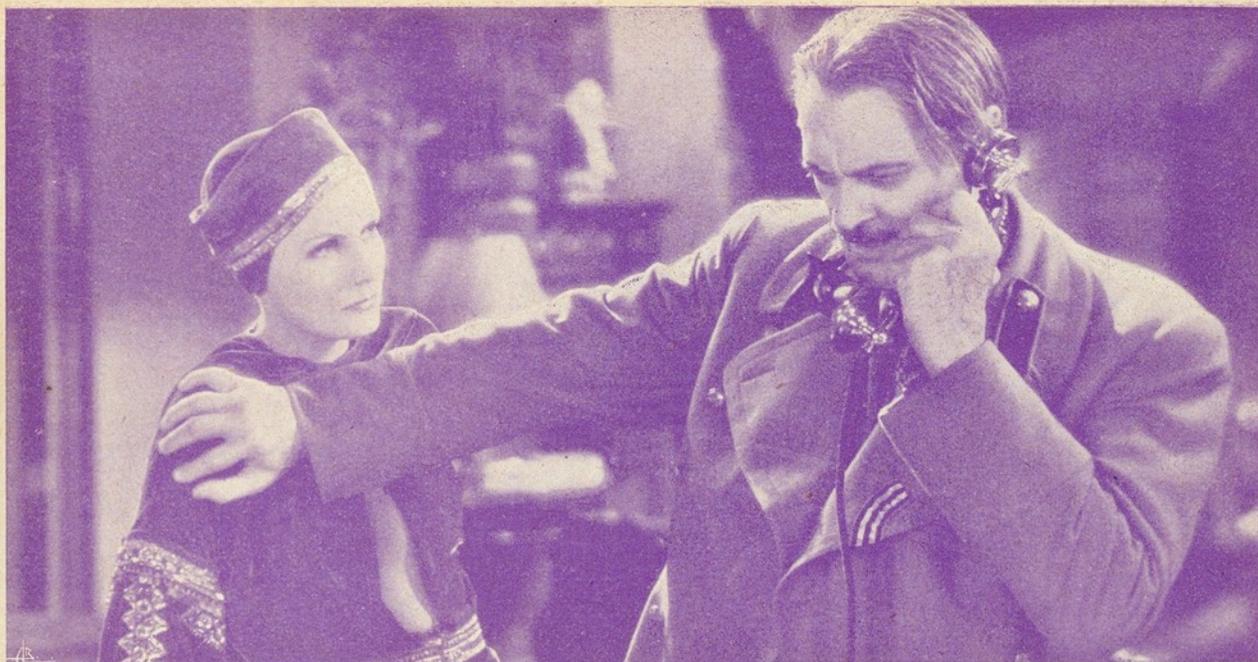
apresentará no Porto as seguintes grandes produções:

“A Favorita do Imperador”

com LIL DAGOVER

“Anny Professora Ideal”

com ANNY ONDRA



Lionel Barrymore é hoje um dos maiores actores do cinema. A sua interpretação em "Uma Alma Livre" deve ter gravado bem fundo o seu nome no espirito do público, que ficará aguardando com ansiedade boas interpretações de Lionel Barrymore.

A primeira será, de-certo, em "Mata-Hari", ao lado de Greta Garbo, Ramon Novarro e Lewis Stone. Que quarteto, Santo Deus!

O Cantinho dum Cinéfilo

"O Médico e o Monstro"

Os problemas de grande alcance científico dão sempre difíceis transposições cinográficas, porque, além da ousadia de materializar em imagens aquilo que não passa de puras hipóteses ou estudos, esse trabalho corre o risco de se incompatibilizar com o público e até com o crítico, porque tais problemas e tais hipóteses são, na sua maior parte, discutíveis e compreensíveis pelos directamente interessados, pelos cientistas que os levantaram ou que os estudaram.

Em meu entender, pois, o crítico cinematográfico não tem que se deter diante dessas interrogações científicas para analisar o trabalho fílmico. E assim, se a obra de Robert Louis Stevenson «Dr. Jekyll and Mr. Hyde» põe em foco um caso científico de elevada transcendência fora do campo do crítico de cinema, é a obra cinográfica que me interessa.

Como trabalho fílmico, confesso que esperava mais de Rouben Mamoullian, que «Ruas da Cidade» elevou ao mais alto cume da realização cinográfica. «Ruas da Cidade», cuja história de *gangsters* foi um simples pretexto para que Mamoullian pusesse em evidência todo o poder da sua Arte e toda a sua vasta compreensão do cinema, vivia quasi exclusivamente do trabalho da realização, a que se seguia o desempenho e a fotografia como cooperadores de grande influência, mas subordinados à direcção. Em «O Médico e o Monstro», se a interpretação ocupa um plano destacante, porque, na verdade, poucas vezes se tem visto um par interpretativo como o de Fredric March e Mirlam Hopkins nesta fita; se a fotografia de Karl Struss merece os melhores elogios pelo recorte que soube imprimir, principalmente, a todas as cenas de interiores — e o filme decora quasi todo em interiores — trabalhando acertadamente a sombra em alguns quadros, à maneira de Hoffmann ou de Freund, é a história, é o motivo básico do argumento — a transformação do médico bondoso em horrível monstro e suas consequentes atitudes — o ponto de apoio de todo o filme, um ponto de apoio cinograficamente inferior, mas ao qual se deixou submeter o talento artístico de Rouben Mamoullian.

Em alguns momentos, o já célebre realizador arménio mostra-nos a sua inteligência directiva, como, por exemplo, na fusão das imagens que traduzem situações capitais, sem necessidade de as ligar por quadros de situações secundárias. Assim, quando o Dr. Jekyll vai fazer a sua exposição perante os médicos e estudantes, vemos apenas os quadros iniciais da apresentação da sua tese, que se fundem logo com os da saída dos ouvintes, em grupo, discutindo o assunto. Outro qualquer realizador apresentar-nos-la o discurso completo do Dr. Jekyll, possivelmente a réplica de alguns dos assistentes, etc., etc. Mamoullian deu-nos essas imagens com bom cinema, porque compreendeu que o necessário era apresentar a razão primordial do entrecho, e não a completa defesa da tese. Esta, seria praticamente demonstrada no decorrer do filme.

Outro exemplo do bom cinema de Mamoullian: quando o Dr. Jekyll, no hospital, diz ao seu amigo que o desculpe perante a noiva, de não poder assistir ao jantar, mas que assistirá ao baile, vemos, nos quadros seguintes, a noiva do Dr. Jekyll responder ao amigo: «Oxalá que ele seja pontual, porque lhe tenho reservada a primeira valsa». E imediatamente Mamoullian nos apresenta a seqüência do baile, com a noiva do Dr. Jekyll dançando a valsa com o seu amigo, o que facilmente demonstra ao espectador, sem legendas, nem palavriado, nem repetições de imagens, que o Dr. Jekyll ficara retido pelos seus afazeres e não pudera ser pontual.

E como estes, outros momentos nos mostram a arte de Rouben Mamoullian, um realizador dos que sabem fazer bom cinema. Mas não são muitas tais ocasiões, porque, repito, «O Médico e o Monstro» vive principalmente do desdobraimento do simpático Dr. Jekyll no monstro horrendo que é Mr. Hyde, vive, sobretudo, do aspecto físico que pretende inspirar terror, por que o público parece apaixonar-se e que garante ao filme um dos grandes êxitos de bilheteira.

Assim, confesso-o, não me satisfaz tal desdobraimento, que mais parece assemelhar-se a uma mascarada com qualquer



Greta Garbo e Ramon Novarro, numa cena de "Mata-Hari", que já vai na 5.^a semana de exibição, no "Apollo", de Paris.

Ó senhoras da "M-G-M"! Quando é que nós vemos "Mata-Hari"?

A propósito de «Mata-Hari»

Se ha filmes que o público espera com ansiedade e que revolucionam, mesmo antes da sua estreia, os meios cinéfilos das localidades onde devem ser apresentados, um de eles é "Mata-Hari". Desde que nos estúdios da "M-G-W" se começou a realização de "Mata-Hari" e foram conhecidos os nomes de George Fitzmaurice, como realizador, e de Greta Garbo, Ramon Novarro, Lionel Barrymore e Lewis Stone, como intérpretes, logo a imprensa cinematográfica começou a ocupar-se do assunto, despertando os apetites do público, sempre avido de espectáculos emocionantes. E este interesse tem, no presente caso, a mais caval justificação. Além dos cuidados que presidiram à realização, além da justa reputação dos seus protagonistas, "Mata-Hari" tem a servir-lhe de empolgante entrecho o trágico romance que comoveu o mundo, a vida e a morte de Margaret Mac Leod (Mata-Hari). E isso é muito!... Isso é muitíssimo!

A propósito da estreia deste filme no "Apollo", de Paris, o jornalista Dario Vidi conta assim as suas impressões:

«Apitos dos «grooms», toques de sirene dos automóveis, reflexos frios de luzes vermelhas no asfalto. Nove horas da noite. Uma longa «bicha» espera diante do Apolo. Cresce, cresce sempre. Os dois rapazes da bilheteira — loiros, vestidos de preto — estão exaustos, impotentes, esgotados. Os seus lápis pontegudos numeram incansavelmente os bilhetes. Os seus olhos fatigados suplicam. Teem calor e sede. Enxugam o suor da fronte e bebem água. De dez em dez minutos, aproxi-

coisa de ridículo, atributo inferior a que não deveria ser preciso recorrer — a que Mamoulian não precisaria de recorrer — para se fazer um bom filme. O que me satisfaz, completamente, amplamente, foi a interpretação de Fredric March e de Miriam Hopkins. O primeiro, que já no silencioso tinha aparecido entre nós e que no sonoro vimos, ainda não há muito, em «O Anjo da Noite», com Nancy Carroll, e, anteriormente, em «A Noiva da Esquadra», com Clara Bow, não havia ainda encarnado uma figura que o impusesse verdadeiramente à admiração do nosso público e lhe desse os fôros de grande actor, que possui na América. A sua interpretação do Dr. Jekyll (muito mais do que a de Mr. Hyde, porque o exagêro da máscara e das atitudes simlescas a que o obrigam não permitem apreciar mais do que as suas possibilidades de bruta-montes, que qualquer extra com aquela cabeleira e aquela dentadura poderia desempenhar), a sua encarnação de Dr. Jekyll, la dizendo, é a consagração definida e definitiva de Fredric March como actor de grande envergadura, como artista dos melhores que o cinema nos tem dado. Na cena em que, atormentado, aniquilado, vencido pela sua própria descoberta, se despede da sua noiva, dá-nos momentos de deliciosa Arte, atinge um grau elevadíssimo de dinâmica interpretativa.

Miriam Hopkins, actriz que no teatro americano já se classificou como das melhores, e que no cinema se nos mostrou apenas na princesa Ana de «O Tenente Sedutor», é, em «O Médico e o Monstro», digna parceira de Fredric March. O seu terror perante o monstro, as atitudes mescladas de satisfação fingida e medo natural, as gargalhadas a que elle a obriga e que são amalgama de lágrimas, a sua posição de humildade e reconhecimento diante do Dr. Jekyll, que lhe promete livrá-la do monstro, a sua surpresa quando este reaparece, e outros, muitos outros momentos, são pedaços da maior beleza de interpretação, são credenciais mais que suficientes para collocarem o nome de Miriam Hopkins na bôca de todos os cinéfilos, na de todos os apreciadores da boa interpretação fílmica.

Fredric March e Miriam Hopkins são, para mim, os dois grandes valores de «O Médico e o Monstro», muito mais importantes do que a realização de Rouben Mamoulian ou do que o discutível argumento. Este, porém, com aquela cara tam feia daquele Mr. Hyde que lá nos aparece a pretender meter medo, deve ser o principal motivo do interesse do público por esta fita, que é um dos maiores exitos comerciais dos últimos tempos.

madamente, um pesado reposteiro levanta-se, o buraco perfumado, quente e negro da sala absorve uma nova onda de espectadores. Está cheia a trasbordar, a sala. A gente introduz-se penosamente na primeira fila. Todos fixam um «écran» onde, semelhantes a grandes flores brancas, se movem as imagens.

«É a estreia de «Mata-Hari», com Greta Garbo.

«Um belo filme! Um grande filme! E eu compreendo a satisfação dos espectadores, a sua felicidade: nunca Greta Garbo foi tam bela, tam emocionante, tam pura! Esta mulher que nos parecia perdida, destruída e aviltada por Hollywood, reencontra toda a sua juventude, todo o seu entusiasmo. Parece entregar-se-nos em cada imagem. É uma irradiação capítosa. Pensamos então na aspereza branca da «Rua sem Sol», na inolvidável «Lenda de Gosta Berling». Este filme marca o renascimento poético de Greta, novamente feita mulher, libertada do estilo decorativo e literário em que pretenderam enclausurá-la os realizadores californianos. Que inflexões e que expressões não encontra subitamente Greta Garbo para exaltar o amor?!

«Ha filmes passionais, como ha crimes passionais. «Mata-Hari», de Greta Garbo, (porque o *metteur-en-scene*, os «decors» e a história, neste caso, não contam) é um filme passionais. É, talvez, o maior cantico ao amor que o cinema tem levantado. Consideremos as belas-artistas como um assassinato, diz Cocteau. E o dom de uma mulher no «écran» como uma magia. Quando, na última imagem do filme, Greta Garbo cai sobre as balas dos soldados, quando este oculto encanto amoroso que é Mata-Hari termina com a morte, ha, em nós, qualquer coisa que se despedaça.

Irene Dunne

Para o mundo cinematográfico de Hollywood, Irene Dunne há-de ser sempre a jovem «prima Dona» de olhos negros, que, apenas chegada à cidade do filme, se assenhorou do papel mais cubiçado do ano. Referimo-nos à parte de Sabia Craval no filme «Cimarron».

Para obtê-lo teve de competir com cincoenta actrizes quasi tôdas já conhecidas. A principal dificuldade consistia em que a mesma artista devia interpretar uma rapariga de dezoito anos e uma velha de setenta. Miss Dunne soube reproduzir com tal realidade a voz e os modos de uma mulher já decrepita, que lhe foi entregue o tam desejado papel.

Não era esta a primeira vez que a jovem artista interpretava um papel de tal natureza. Na revista de Ziegfeld, «O barco teatro», obteve um êxito pessoal tam legitimo como unanime, encarnando uma velha, facto este que muito pesou quando a escolheram para interpretar o papel de Sabia.



Dizem que a «R. K. O.» vai distribuir com profusão as suas fitas em Portugal. Ai vai um dos últimos retratos de Irene Dunne, uma das primeiras estrelas de «RKO», para que os leitores vão vendo as probabilidades de se tornarem «Dunnéfilos»...

«Cimarron» foi a segunda película de Miss Dunne, que, recentemente, interpretou a protagonista de «Gola de Couro», comédia de ambiente marítimo.

Antes disso a jovem artista havia representado, durante mais de um ano, o seu papel de velha no «Barco Teatro», conseguindo chamar a atenção de William le Baron, que actualmente desempenha o cargo de vice-presidente da «R. K. Rádio Pictures», o qual contratou a bela Irene por largo tempo.

A actriz que nos ocupa nasceu em Louisville, e até à idade de 10 anos não frequentou nenhuma outra escola senão a Academia Loretta, da referida cidade. Seu pai, o capitão Joseph J. Dunne, era um armador de barcos a vapor para navegação fluvial. Os seus antepassados, durante muitas gerações, foram naturais de Kentucky.

Nos primeiros anos da sua adolescência, a futura estrela trasladou-se para um colégio de San Luis, de onde passou à escola de musica de Chicago, que acabou de cursar em 1926.

Durante a visita que fez em Nova York a uma amiga, esta aconselhou-a a submeter-se às primeiras provas que exigiam às aspirantes ao primeiro papel de «Irene», uma comédia musical. A jovem seguiu o conselho e obteve o papel.

Este foi o primeiro passo de uma carreira fecunda em triunfos e que tanto

no teatro como no cinema elevou muito alto o nome da juvenil beldade do sul.

Tomou parte em «Lollipops», «Tempo de Amores» e «O Rapaz da Cidade». Irene Dunne também cantou na Metropolitan Opera, onde a sua voz fez sucesso. E, além disso, uma bailarina consumada, toca muito bem piano e não gosta dos exercícios violentos. Tem 1,60 de altura e pesa 57 quilos.

Actualmente reside com sua mãe numa casa de campo de estilo espanhol, situada nas montanhas, próximo a Hollywood.

Arthur Loew sofre um desastre

O vice-presidente da «M-G-M», Arthur Loew, que anda viajando à volta do mundo em avião, em visita a tôdas as sucursais daquela firma, ficou ferido num desastre que o seu aparelho sofreu há dias na África do Sul, quando, da Rodhesia, se dirigia para Johannesburg.

Nos escritórios da «M-G-M» em Lisboa recebeu-se no dia 19 de Dezembro um telegrama dizendo «Arthur Loew ileso», mas a imprensa estrangeira noticia o seu ferimento, anunciando a morte do piloto que tripulava o avião particular de Arthur Loew.



Maurice e Maurice eram dois pobres diabos que tinham, por única riqueza, a sua amizade. Mas a miséria não os tornou melancólicos, porque eram jovens e cheios de vida, e a mocidade constitui, só por si, uma inapreciável riqueza. Ambos exerciam a mesma profissão, o que contribuía para os unir ainda mais. Lavadores de vidros, arranjavam trabalho um para o outro, e era costume ouvi-los, quando trabalhavam no mesmo armazém, cantarem a mesma canção. Parecia que nada poderia perturbar a sua amizade nem o seu bom humor. A' noite, terminada a faina do dia, reentravam nos seus palácios. Estes eram dois vagões em ruínas, abandonados num bairro miserável dos arredores. Depunham então os baldes, as escadas e as esponjas e cantavam e riam perdidamente.

Havia algumas semanas — convém dizê-lo — que o seu regresso era alegrado pela aparição de uma rapariga singular, jovem e loira, que não tinha aspecto de ser muito mais rica do que eles. Bastava, para a gente se convencer disso, examinar com um pouco de atenção os sapatos, onde nadavam os seus pequeninos pés, e o vestido usado. Não obstante, talvez por causa da luminosidade dourada que parecia desprender-se da sua cabeça, espalhava em torno de si um calor vivificante. Os dois rapazes sorriam-lhe à passagem, e ela respondia-lhes com um olhar triste. A pobre pequena devia ter desgostos íntimos. Mas quais? Esta pergunta faziam-na entre si Maurice e Maurice quando entravam no seu castelo.

— E' extraordinariamente linda — disse Maurice I.

— Quem? — perguntou o outro com malícia.

— A Loirinha.

— Ora!

— Querem ver que vais dizer que é feia?

— Não, não quero dizer isso.

— Então?

— O que quero dizer é, simplesmente, que não é para ti...

— Nem para ti.

— Veremos.

Após estas perguntas e respostas, pronunciadas em diferentes tons, os dois rapazes desataram a rir ao mesmo tempo.

— Ora, pouco me importa a rapariga.

— Então, estás como eu!

Mas não diziam a verdade.

Um deles agarrou-se à panela, porque ambos exerciam, à vez, o papel de cozinheiros, e começaram a comer, com ar melancólico. Era à noite que por vezes sentiam a sua terrível solidão. O dia passavam-no menos mal. Tinham o trabalho para os distrair. Lavavam rapidamente os vidros, o que não constituía um trabalho muito pesado, e corriam para o respectivo palácio. Dormiam como se dorme aos vinte anos; mas, sem que trocassem a esse respeito a menor confiança, o seu sono era embelezado pelos mesmos sonhos. Viam a loirinha, faziam projectos que terminavam por um honesto casamento, um casamento de amor, como é de prever. E no dia seguinte, quando despertavam, Maurice I perguntava a Maurice II:

— Dormiste bem?

— Muito bem.

— Tiveste sonhos alegres?

— Nunca sonho, — respondeu Maurice I.

— Eu também não, — exclamou Maurice II.

E, mais uma vez mentiam.

Uma tarde, aperceberam o seu sonho doirado encostado a um dos vagões; ela parecia a estátua da tristeza e do desencorajamento, ou antes a estatueta, tal o seu encanto e fragilidade. Precipitaram-se para ela, desejosos de a interrogarem. Ela respondeu-

“Um Sonho

Realização de Paul Martin.
Produção Eric Pommer.

Programa da Agência Cinematográfica H. da Costa.

ARGUMENTO

— lhes com voz calma, sem procurar agradar mais a um do que ao outro. A sua odisséia era desoladora; acabava de ser vítima de um esroque que lhe prometera obter-lhe um contrato para Hollywood e fazer dela uma «estrêla». O homem desaparecera, levando tódas as suas economias.

— Não tenho mais nada. Nem dinheiro, nem amigos.

— Não tem amigos! — exclamou Maurice I.

— E eu? — protestou Maurice II.

— Parece-me que também aqui estou, — observou Maurice I.

Era a primeira troca de palavras discordantes entre os dois amigos. Começavam a viver, sem se aperceberem disso, a velha fábula: *Dois galos viviam em paz, quando uma galinha apareceu...*

— Como se chama? — inquiriu Maurice I.

— Joujou, — respondeu a jovem.

— Ah! que lindo nome! — exclamou Maurice II.

— Quem é que te perguntou a tua opinião? — interveio Maurice I.

A pesar destas primeiras divergências, ambos concordaram em propor à jovem que ficasse na sua companhia. Assim, não lhe faltaria um teto para a cobrir e a alimentação indispensável. Ela aceitou. Prepararam imediatamente um vagão para a recém-chegada. Convém dizer que os dois rapazes dispenderam igual boa-vontade para lhe proporcionarem um refúgio; passariam a dormir ambos no mesmo vagão.

A princípio, tudo correu bem; mas não foi por muito tempo. Os jovens, insensivelmente, apaixonaram-se por Joujou, embora ela, com prudência, não demonstrasse preferências por um ou por outro. Ouvia-os com igual atenção, tinha para ambos as mesmas gentilezas. Inútilmente eles a interrogavam em segredo, quando se lhes proporcionava ocasião. Ela era impenetrável quanto aos seus sentimentos, recusava-se a responder concretamente. A atmosfera rapidamente se tornou pesada, irrespirável, em torno da linda rapariga, e as discussões azedavam-se de dia para dia. Os dois homens encravam-se com os olhos reluzindo como facas. O ódio havia substituído a sua antiga amizade. Joujou compreendia que era a causa involuntária destas desavenças e que não devia continuar a interpor-se entre os dois antigos amigos. Um dia, resolveu fugir; mas os jovens surpreenderam a manobra e lançaram-se na sua peugada. Joujou havia obtido a direcção do empresário

Dourado”

PRINCIPAIS INTERPRETES

Lilian Harvey Jouvou
Henry Garat Maurice II
Pierre Brasseur Maurice I

americano de cujo nome se servira o esroque para a roubar. Foi procurá-lo. A recepção teve pouco de calorosa.

— Sabe fazer alguma coisa? — perguntou brutalmente.

— Sim, senhor.

— Vamos a ver isso.

Joujou, com muita graça, começou a representar o papel que havia preparado, um papel de dançarina absolutamente irresistível.

O empresario, embora contrariado, estava pronto a contratá-la.

Joujou saiu, simultaneamente encantada e triste. Devia dizer a verdade aos dois amigos e deixá-los. Penalizava-a a ideia de abandonar qualquer deles, mas sobretudo Maurice II, que sem querer começara a amar. Como faria? Não teve muito tempo para estudar a sua atitude, porque os dois Maurice esperavam-na em baixo, na rua. Ambos se dirigiram a ela, perguntando simultaneamente:

— Porque é que partiu, sem nada dizer?

— Não queria continuar a viver à vossa custa, — respondeu Joujou.

— E encontrou trabalho?

— Sim, um contrato para Hollywood. Parto dentro de alguns dias.

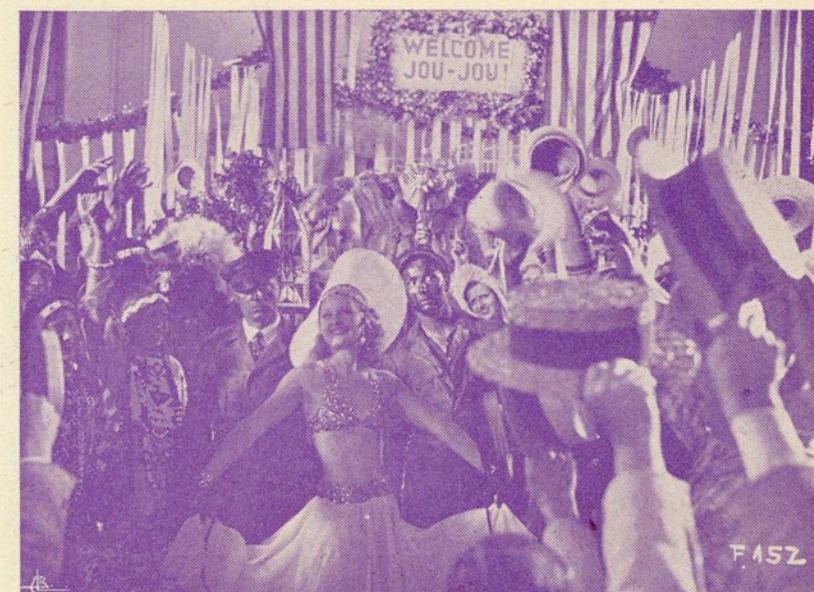
— Devia prevenir-nos, Joujou, não procedeu bem, — observou Maurice I, que compreendera finalmente que não fora para ele que a jovem se inclinara.

E continuou:

Voltam a eleger-se as «Wampas Stars»

A Associação dos Reclamistas Americanos do Oeste (Wampas), que desde há muitos anos elegia anualmente as 13 raparigas que mais se tivessem evidenciado em papéis secundários durante o ano, como as mais prováveis estrêlas de futuro — «baby stars» — lhes chamavam — suspendera essas eleições o ano findo, por divergências no seio da Associação. Este ano a direcção da «Wampas» decidiu continuar com as referidas eleições, esperando-se com interesse os nomes das 13 «baby stars» de 1932.

Devemos lembrar aos leitores que uma grande parte das estrêlas de hoje passou já pelas eleições da «Wampas».



— Suponho que se ficasse daria um grande prazer ao meu amigo.

— E o senhor?

— Oh! não se preocupe comigo, arranjarei um emprêgo no estrangeiro.

E assim sucedeu. Maurice I foi pedir ao empresário americano para desistir do contrato de Joujou, e conse-

guiu. Mais do que isso. Ele agradou de tal modo ao empresário, que foi Maurice I o contratado, transformado num autêntico americano, de grandes óculos de tartaruga, de charuto na boca.

Joujou, desfeito o seu sonho dourado, entrou na realidade, entregando-se nos braços de Maurice II, seu secretamente preferido.

A' ULTIMA HORA

Os prémios da Academia americana para 1932

Reuniu no dia 18 do corrente em Hollywood a Academia Americana das Artes e Ciências Cinematográficas, para classificar os melhores trabalhos cinematográficos de 1932 e distribuir as estatuetas de ouro destinadas ao vencedor de cada uma das modalidades.

Do nosso correspondente em Nova-York, João Portugal, acabamos de receber o seguinte telegrama:

“NEW-YORK, 23 — ACADEMIA REUNIU HOLLYWOOD 18 HELEN HAYES FREDRIC MARCH GRAND HOTEL ESCREVO JOÃO.”

O laconismo deste telegrama não nos permite tirar grandes conclusões. Como, porém, sabemos quais os elementos que a Academia seleccionou há algumas semanas para sobre eles fazer incidir as suas votações, e de que já demos nota aos leitores há alguns números, podemos concluir o seguinte:

A melhor interpretação feminina de 1932

HELEN HAYES em “O PECADO DE MADELON CLAUDET” (“M-G-M”)

A melhor interpretação masculina de 1932

FREDRIC MARCH em “O MÉDICO E O MONSTRO” (“Paramount”)

O melhor filme de 1932

“GRAND HOTEL” (“M-G-M”)

Falta-nos saber os premiados das outras modalidades, como o melhor argumento, a melhor realização, a melhor fotografia, o melhor filme de complemento, etc., o que contamos poder noticiar no próximo número, se chegar a tempo a carta do nosso correspondente.



Pedimos uma desculpazinha à Janet Gaynor, e, em seu lugar, vai esta semana um retrato da Jean Harlow, capaz de roubar todas as preferidas dos corações dos nossos cinéfilos. Todas, excepto a Janet e a Lillian, que já estão enraizadas bastante... Jean Harlow aparecerá brevemente em "Os 6 Misteriosos", da "M-G-M".

A tragédia de Jean Harlow

Havia dois meses que estava casada com Paul Bern quando a surpreendeu a notícia de que seu marido se suicidara. Jean sofreu um profundo desmaio, e quando voltou a si a impressão recebida feria-a tam dolorosamente que quis suicidar-se também. Correu à varanda do quarto onde descansava e abriu as portas, tentando saltar a balaustrada. Felizmente, chegou a tempo de evitar este gesto de loucura a «nurse» francesa que velava por ela.

Ao quarto chegavam as vozes dos vendedores de jornais, misturando o seu nome e o de seu marido com as mais absurdas hipoteses. Quando as forças lho permitiam, pedia avidamente os diários e suplicava aos seus amigos que dissessem com sinceridade o que pensavam da sua situação, da sua tragédia e do seu futuro.

Até êsse mesmo quarto chegou

também um empregado da «M-G-M» anunciando-lhe que antes de dez dias devia estar preparada para começar a trabalhar em «Red Dust», sua próxima película. Havia apenas alguns dias que seu marido morrera. Ainda não tinham procedido à autopsia, a policia não terminára as suas investigações e os «reporters» faziam conjecturas.

Os periodicos perguntavam com curiosidade egoista, por que razão se teria suicidado Paul Bern? Ninguém pensava na pobre Jean, envolta aos vinte e dois anos nos crepes da tragédia. Ninguém se occupava da sorte futura da «estrela»: se resistiria ao escandalo ou se cairia como Alma Rubens, como Mabel Normand, como Barbara La Marr e outras.

Quando se soube que Paul Bern se tinha suicidado, ninguém duvidou de que o conhecido escritor e director da

«M-G-M» havia sido vitima de um matrimonio desgraçado e de que a leviana Jean acabára com a sua vida. A tradição de bondade e rectidão que sempre rodeara Bern, era suficientemente poderosa para aniquilar qualquer outra idea.

Bern estabelecera se na America 25 anos antes, quando tinha apenas 18. Mal triunfou e reuniu fortuna, trocou a sua nacionalidade alemã pela americana. Havia começado a sua carreira em New York como autor teatral e director de cena. Em nenhuma destas profissões foi afortunado. Passou fome, privação sôbre privação, até chegar aos trinta anos. Foi nessa altura que o desenvolvimento crescente do cinema atraíu a sua atenção. Retirou para Hollywood e conseguiu o auxilio de alguns amigos alemães, directores da «Metro». A sua dedicação ao trabalho levou-o para a frente e em poucos anos passou de assistente a director e por último a gerente do Estúdio. Neste cargo, que vinha desempenhando havia anos, surpreendeu-o a morte.

Na «Metro» chamavam-lhe «a consciencia do Estúdio», tam alta era a estima que todos nutriam pela sensibilidade e bondade do seu coração. Bern não chegou a possuir uma grande fortuna, a-pesar-de ter cobrado durante muitos anos mil e quinhentos dólares semanais e de ter recebido algumas gratificações do Estúdio. Gastava todo o seu soldo a ajudar os amigos e a proporcionar-se todas as comodidades de que durante tantos anos estivera privado. A sua casa estava sempre aberta para todos, incluindo aqueles que apenas conhecia. O seu livro de cheques auxiliava diáriamente os sem trabalho que tinham a dita de chegar até êle. Modesto como poucos, jamais figurou nos diários nem nos magazines, a-pesar-de ser intimo amigo de diversos jornalistas e escritores, muitos dos quais socorria com delicada generosidade. Só quando se casou com Jean Harlow mudou de attitude, permitindo que o fotografassem e dessem publicidade ao seu retrato.

Sabia-se perfeitamente que Paul Bern sustentava muitas raparigas bonitas e pobres. Mas todos afirmavam que nunca os seus olhos haviam brilhado de desejo ao fixa-las. Bern era, finalmente, um sonhador, um artista puro e um intelectual. Os seus amigos não duvidavam de que muitas dessas raparigas se teriam julgado felizes se Bern se mostrasse um pouco mais humano e menos bondoso para com elas. Embora não fôsse muito bem parecido e desse a impressão de ser muito mais velho do que de facto era, inspirava interesse e simpatia. Ganhava um soldo considerável e era tam poderoso como o presidente do Estúdio. Uma palavra dele podia levantar ou eclipsar facilmente qualquer «estrela». Além disso envolvia-o a aureola de ter sido amado por muitas mulheres interessantes. Entre elas contavam-se precisamente Mabel Normand e Barbara La Marr. A primeira apaixonára-se por

êle talvez reconhecida pelo interesse e simpatia com que Bern a ajudou depois do assassinato de William Desmond Tayllor, quando o seu nome rolou pelo chão. A segunda amou-o quando, desenganada da vida e consciente do seu próximo fim, viu arredarem-se todos os seus amigos, exceptuando o grande filósofo e filantropo.

O matrimonio de Bern com Jean Harlow surpreendeu toda Hollywood. Nenhuma união poderia levantar-se sobre peores bases. Jean era muito mais nova do que êle, divorciada, afeiçoada em excesso à vida dos clubes nocturnos. O seu nome havia-se enlaçado diversas vezes com os de milionários e homens de negócios que tinham pouco de espirituosos. No «écran», havia sido a encarnação do pecado sensual, da paixão brutal, da traição e da luxúria. «Anjos do Inferno», «Public Enemy», «Os 6 Misteriosos», «Red Headed woman» eram os bem conhecidos passos da sua carreira cinematográfica. Sempre fica alguma coisa das personagens vividas no «écran». Os homens desconfiavam de Jean; as mulheres lançavam-lhe em rosto a sua pouco dissimulada coquetaria. Só o poder de Bern e o amor que publicamente demonstrava por ela fizeram com que Hollywood mudasse de opinião, pelo menos aparentemente, e a pusesse ao lado das damas do grande mundo cinematográfico.

E' claro que em Hollywood todas as mulheres são iguais e estão dispostas a viver os perigosos «papeis» que criaram a fama de Jean. Mas procuram dissimular, cuidam das aparências, não querem ser pasto de uma publicidade indesejável. E mal vai àquela que não quiser conformar-se com esta regra! Por muito boa artista que seja, paga cedo ou tarde a sua independência ou a sua franqueza. A própria Clara Bow viu vacilar o seu trono de «estrêla» e a simpatia que lhe dedicava o público. No final de contas, as «estrêlas» são filhas da publicidade: a sua fama, os seus admiradores, os seus soldos são o produto do papel em que corre impresso o seu nome.

Por isso, logo que se soube que Bern se suicidára, os comentários inculparam a pobre Jean.

— Não era a mulher que lhe convinha, — diziam uns para os outros.

Bern suicidou-se na noite de um domingo, dois meses e dois dias após o seu casamento. Na manhã seguinte, muito cedo, um criado foi encontrá-lo estendido num charco de sangue, apertando na mão um revólver, calibre 38. Uma bala havia-lhe atravessado a fonte. Aquela segunda-feira era dia de festa; Jean havia ficado a noite ante-

rior em casa dos pais, distante alguns quilómetros. O criado, aterrorizado e nervoso, correu ao telefone e avisou os pais de Jean e o Estúdio onde Bern trabalhava. Minutos depois chegavam ao local do drama o senhor Irving Thalberg e dois amigos. Mandaram chamar a policia. A posição do cadáver fez pensar, desde o primeiro momento, que Bern havia posto fim à vida. Além disso, foi encontrada uma carta escrita à esposa pelo seu próprio punho, assim concebida:

«Minha muito querida:

«Desgraçadamente, é esta a única maneira que tenho de reparar o grande mal que te fiz e de me limpar da minha abjecta humilhação. Amo-te.

«Deves ter compreendido que o

priedade que este lhe dera quando se casaram, e que era precisamente a magnifica casa estilo bávaro em que viviam. Também se dizia que Jean havia pedido a seu marido que despedisse os criados, especialmente um jardineiro preto, porque estavam inteiros de coisas que a não honravam muito.

Mas as declarações dos serviçais arredaram imediatamente a hipótese de que Paul Bern e a esposa houvessem tido qualquer atrito. O jardineiro preto foi o primeiro a afirmar que «o amo queria muito à senhora, e que passava o dia a beijá-la e a acarinhá-la».

O criado principal da casa afirmou por sua vez que a senhora saíra no domingo à noite, na intenção de comer em casa de seus pais, depois de beijar como de costume seu marido e de este se despedir dela com estas palavras:

— Fico a pensar em ti.

Depois, os criados haviam saído como de costume e Bern ficára a trabalhar no seu escritório. O «chauffeur» afirmou que no dia anterior havia levado o senhor ao «Hotel Ambassador» e que, ao regressar, lhe perguntára se assistiria nessa noite ao baile que Fredric March e a esposa ofereciam, ao que êle respondera:

— Não, não tenho disposição para ir sem Jean.

Deve considerar-se que todos estes criados trabalham na casa ha alguns anos, e que contavam com a absoluta confiança de Bern. Especialmente o «chauffeur» permitia-se certas liberdades e conversava com o patrão acerca das suas coisas intimas.

Logo se formou uma nova corrente menos favorável para Bern. Um notável médico de Los Angeles, especialista em enfermidades intimas, declarou que Bern havia sido seu cliente e que não se encontrava em boas condições de saúde quando se casou. Bern, embora tivesse apenas quarenta e dois anos de idade, representava sêr um homem de sessenta e cinco.

Os detectives requisitaram imediatamente todos os frascos de medicamentos que se encontravam na casa, e pediram que se procurasse verificar pela autopsia se Bern sofria de alguma enfermidade e se os seus desarranjos anteriores à morte—desarranjos que todos os seus criados e empregados haviam observado—eram transitórios e simples sintomas de debilidade nervosa.

Pelo exame dos frascos não se chegou a nenhuma conclusão positiva, mas fica de pé a opinião de uma pessoa tam respeitável como o Dr. Jones.

A terceira hipótese, lançada ultimamente pelos altos empregados da «Metro» e pela família da viuva e do



Aqui vemos a graciosa Jenny Jugo rodeada dos actores que com ela interpretam a comédia «Os 5 do Jazz», que a Companhia Cinematográfica de Portugal vai distribuir.

que se passou no sábado à noite foi uma comédia. Paul».

O conteúdo da carta prestava-se a comentários desfavoráveis à esposa. A última frase, principalmente, fazia pensar num sério desgosto tido com ela no sábado, cuja causa e alcance Jean devia conhecer.

A primeira hipótese que circulou foi, naturalmente, a da infidelidade da esposa. Mas ainda chegou a afirmar-se que ela se preparava para se divorciar e que havia tido uma séria questão com seu marido a propósito da pro-

Pelos nossos Cinemas

O MÉDICO E O MONSTRO (DR. JEKYLL AND MR. HYDE): — Vêr a crítica em «O Cantinho dum Cinéfilo», (pág. 3.)

Autor: Samuel Louis Stevenson. Cenários: Samuel Hoffenstein e Percy Heath. Fotógrafo: Karl Struss. Realizador: Rouben



Mamoulian. Intérpretes: Dr. Jekyll e Mr. Hyde, Fredric March; Ivy Parson, Miriam Hopkins; Muriel Carew, Rose Hobart; General Carew, Halliwell Hobbes; Dr. Lanyon, Holmes Herbert; O Criado Poole, Edgar Norton; Utterson, Arnold Lucy; Hobson, Col. MacDobbell; Mrs. Hawkins, Tempe Pigott.

Produzida em 1931 pela PARAMOUNT. Programa Paramount Films S. A. Estreada no «Águia d'Ouro» em 21 Novembro 1932.

UM HOMEM SEM NOME (UN HOMME SANS NOM): — A estreia de Firmin Gémier no fonocinema, se não prejudicou o seu nome, dos mais ilustres do teatro francês, também não lhe acrescentou novos louros. A figura de Heinrich Martin interpreta-a Gémier de modo correcto, que não merece qualquer censura, mas que, também, não merece encómios de maior. Talvez porque o cenário o não ajude, porque as situações mais não requeiram, o que é certo é que a personagem original que Robert Liebman criou é interpre-

tada por Gémier sem razão para grande destaque, o relêvo que parecia dever exigir-se de um actor que foi procurar-se entre os melhores do teatro de França.

O argumento de Liebman (que é dos escritores alemães que mais têm produzido para o cinema) deveria prestar-se a grandes possibilidades de realização, porque, da originalidade da concepção do tema podiam irradiar episódios que permitissem um campo de acção mais vasto onde se espriaissem boas manifestações de composição filmica. Tal como se nos apresenta, circunscrito ao recôbro do seu nome, com uma grande parte da acção estagnada nos interrogatórios do juiz, sem peripécias secundárias de relêvo, «Um Homem sem nome» vê o seu interesse muito reduzido, inferiorizado o seu valôr como produção cinegráfica.

A seqüência da busca no arquivo dos desaparecidos na guerra, a que tôdos os críticos vêm fazendo referência, é, na verdade, dos momentos mais belos da fita, pela inteligência da construção decorativa, pelo aspecto



grandioso — grandioso e funéreo — do interminável agrupamento de ficheiros — jazigo monstruoso de vidas que se

que só ela poderia saber a verdade do ocorrido e que estava disposto a averiguar o que sucedera no sábado trágico a que se referia a carta do suicida.

Mas tôdas estas esperanças se desvaneceram depois de ter sustentado uma larga conferência com Jean. Do campo de aterragem fez-se imediatamente conduzir à presença da cunhada, com a qual teve uma entrevista secreta. Quando abandonou a casa e se dirigia ao hotel onde ia fixar residência, tremia e quasi não podia articular palavra.

— Endoideço. Paul! E' incrível!

E era tudo o que dizia.

Concluída a investigação judicial, que dá por impenetráveis as causas do suicídio, será difícil que venha a publicar-se a verdade sobre o ocorrido. Para os amigos do casal, as afirmações do

Dr. Jones parecem traduzir a razão do drama.

Entretanto, a pobre Jean, vítima talvez da sua imprudência de haver aceitado o amor de um homem que tinha o dôbro da sua idade, deve olhar com medo para o futuro. E é talvez por isso que quer abandonar o cinema. E' possível que cumpra o seu contrato com a «Metro», mas já não poderá arrancar da sua vida as trágicas horas passadas, nem poderá convencer da sua inocência uma boa parte do público. E' demasiado bela, demasiado sensual, para que a julgüem boa. Bern, em troca, com a sua figura triste, com os seus cabelos côr de teia de aranha, com a sua modestia e a sua bondade, será dificilmente esquecida.

FERNANDO RONDÓN.

falecido, tende a fazer crer que Bern teve relações amorosas com várias mulheres, uma das quais chegou a ser sua amante oficial e se fazia passar em New York e no Canadá pela senhora Bern. Sendo assim, pelas leis do Canadá, Bern estava realmente casado com ela e impossibilitado de realizar outro matrimónio. Talvez que, uma vez ao facto disto, houvesse compreendido que o seu casamento com Jean Harlow, longe de ser legal, não passava de um caso de bigamia, e resolvesse deixar a vida.

Esta hipótese vem contrariar as opiniões dos amigos de Bern, pois faz crer que a sua vida não foi tam espiritual e imaculada como êles dizem, mas está longe de responder às perguntas de todos os que teem seguido e se teem interessado pelo estranho drama.

Eis a versão:

Durante vários anos Bern esteve unido, embora não casado, com uma rapariga canadiana chamada Dorothy Millette, que apresentou a todos os seus amigos como sendo a senhora Paul Bern. Em 1920, fez testamento em seu favor e pôs em nome dela um seguro de sessenta e cinco mil dólares. Desde então a rapariga ficou residindo em New York, num hotel próximo da rua Quarenta e Dois.

Ora, os empregados do referido hotel dizem que, até há poucos meses, habitara ali uma mulher, loira e muito formosa, que parecia ter trinta e trinta e cinco anos. Saía pouco dos seus aposentos e prostravam-na às vezes grandes crises de melancolia. Pouco tempo antes do casamento de Bern com Jean, a dita mulher saiu de New York com rumo ao Oeste, não se voltando a saber nada de positivo a respeito dela.

Por sua vez, Henry Bern, irmão mais novo de Paul, que se encontrava em New York por ocasião do suicídio, disse que Paul teve amores, durante muitos anos, com uma loira, mas que não casou com ela nem se considerava seriamente comprometido.

«A rapariga enlouqueceu há anos — afirmou Henry Bern — e meu irmão internou-a num sanatório das proximidades de New York, para onde mandava uma pensão quinzenal».

Seria esta rapariga a tal Dorothy Millette?

Henry, quando teve conhecimento do suicídio de seu irmão, esteve a ponto de enlouquecer. Parecia-lhe impossível que Paul, cuja vida era límpida e cristalina como poucas, e que parecia tam feliz desde que casara com Jean Harlow, sofresse intimamente a ponto de tomar tam extrema resolução. Imediatamente tomou um aeroplano para Los Angeles. Nas cidades onde o avião se deteve, interrogaram-no muitos jornalistas, e a todos disse a mesma coisa. Que Paul era feliz com Jean; que nunca havia sofrido de nenhum desarranjo mental; que Jean sabia pelo próprio marido do passado amoroso dêste e da existência da enferma de New York. Sem lançar qualquer responsabilidade sobre sua cunhada, Henry Bern dava a entender

perderam — e pela habilidosa tomada de vistas, a que a objectiva de Carl Hoffmann emprestou o melhor das suas grandes possibilidades.

Interpretação natural da graciosa Yvonne Hébert. Fernandel e Goupil dão a nota cômica a esta fita, que não entusiasma nem aborrece. Antes pelo contrário.

Autor: Robert Liebmann. F. tógrafa: Carl Hoffmann. Decoradores: Robert Herlth e Walter Roehrig. Autor musical: Allan Gray. Realizador: Gustav Ulicky. Director de som: Dr. Erich Leistner. Intérpretes: Heinrich Martin, Firmin Gemier; Eva-Maria, Fran e Ellys; Grete, Yvonne Hébert; Hélène Martin, Ghislaine Brü; Doutor Sander, Paul Amiot; Juliet, Fernandel; Gablinski, Goupil; O Juiz, Den-ubourg; O secretario do advogado, Robert Ozanne.

Produzida em 1932 pela «UFA» (Produção Gu-nther Stapehor-t). Programa Agência Cinematográfica H. da Co-ta. Lt. a. Estreada no «São João» em 21 Novembro 1932.

A CONDESSA DE MONTE-CRISTO (DIE GRAEFIN VON MONTE CHRISTO): — O título desta fita tem assim o aspecto duma ratoeira para os que podem supôr que se trata de qualquer assunto relacionado com a obra de Alexandre Dumas. Este defeito, ou antes, esta habilidade, já vem da origem, e a casa distribuidora, aqui, não fez mais do que sancioná-la — e fez muito bem, comercialmente falando...

«A Condessa de Monte-Cristo» pertence ao género de filmes mais difícil de criticar, se dificuldade se pode chamar à ausência de elementos ou qualidades a elogiar ou a censurar. Trata-se duma obra sem preocupações cinematáticas, assente num argumento de certa maneira original, mas também com boa dose de inverosimilhança, argumento cuja materialização cinegráfica não deve ter dado muito que pensar ao cérebro animador de Karl Hartl.

A idéa da fuga no automóvel no estúdio, na própria ocasião da filmagem, a do pseudo-roubo das malas,



para a obtenção de dinheiro e de enxoval junto do director do hotel, são amostras da imaginação feliz de Walter Reisch. Essas e outras dão certo movimento ao filme, e suprem, ou pelo menos, atenuam a apatia da realização.

Brigitte Helm é a primeira actriz, e o seu nome constitui elemento de atracção. É uma grande artista, que

consegue, com o seu enorme talento, fazer-se sobressair, mesmo quando o entrecho não lhe abre grande caminho. Lucie Englisch, na Mimi, tem uma criação muito apreciável, que a nivela com Brigitte Helm nas honras da interpretação.

Com poucos méritos cinegráficos, esta fita possui algum valor comercial.

Autor: Walter Reisch. Fotógrafo: Franz Planner. Decoradores: Robert Herth e Walter Roehrig. Autor musical: Allan Gray. Director de som: Walter Ruehland. Realizador: Karl Hartl. Intérpretes: Jeanette, Brigitte Helm; Rumowski, Rudolf Forster; Mimi, Lucie Englisch; Barão, Gustaf Gründgens; Spitzkopf, Oscar Sima; Stephan Riehl, Mathias Wieman; O director do hotel, Hans Junkermann.

Produzida em 1932 pela «M. R.» (Produção Gregor Rabicovitch), para a «UFA», Programa Companhia Cinematográfica de Portugal. Estreada no «Rivoli» em 21 Novembro 1931.

UMA ALMA LIVRE (A FREE SOUL): — Um conflito moral de grande importância, que Adela Rogers St. Johns tratou no seu livro, popularíssimo na América, estudo psicológico que demonstra o profundo espirito observador da sua autora.

Um caso para meditar, este da rapariga orfã de mãe, a quem o pai, advogado distinto mas bebedor inveterado, ensina a defender-se sósinha, a sósinha enfrentar a Vida, concedendo-lhe todas as liberdades, permitindo-lhe agir consoante o seu próprio critério...

O motivo primário da obra da popular escritora americana está bem apresentado, mas não o estão menos as peripécias que representam os atributos da condução episódica, consequências lógicas do desenvolvimento da idea básica. O que não está tratado como devia é a transposição cinegráfica dessa obra.

Os cenaristas John Meehan e Becky Gardiner e o realizador Clarence Brown tiveram, talvez, a preocupação de se cingir à peça tal como foi representada nos teatros americanos. Pelo menos, o desenvolvimento da acção do filme faz-se todo à custa de diálogos, dum campo a outro, de uma sequência a outra, de principio a fim, de tal modo que o valor intrinseco da produção cinegráfica se apresenta grandemente inferiorizado em relação aos merecimentos artisticos individuais dos elementos que contribuíram para a produção do filme. Apenas nos últimos momentos ganha maior interesse na descrição das cenas, êsses mesmo, graças à extraordinária beleza do diálogo — sedutora e empolgante beleza! — e ao grande poder interpretativo de Norma Shearer e Lionel Barrymore.

É na interpretação, de facto, que se concentra a quasi totalidade do valor de «Uma Alma Livre», e, só por isso, não se dá por perdido o tempo que se gasta a ver a fita. Norma Shearer — cada vez mais linda, a linda esposa do feliz Irving Thalberg! — continua na vanguarda das grandes comediantes do cinema. A sua Jan Ashe é uma figura difícil, complexa, cheia

de socalcos, que Norma desempenha com a demonstração plena do seu grande talento. Lionel Barrymore, que atravessa a fita com toda a segurança do seu valor, tem, na cena final do julgamento, uma das melhores interpretações do cinema, e mostra ter sido amplamente merecido o prémio que, no ano passado, a Academia Ameri-



cana lhe concedeu pela encarnação do advogado Stephen Ashe, classificando-a a melhor interpretação masculina de 1931.

Clark Gable, numa figura antipática mas de grande valor dramático, mostra possuir o estôfo dum bom actor. Como em «Titans do Ceu», o seu papel não é o principal, e desejaríamos vê-lo agora num filme em que tenha a seu cargo a responsabilidade da primeira figura, para melhor ajuizarmos dos méritos que lá fora lhe atribuem. Leslie Howard e James Gleason, com pouco que fazer, cumprem bem, mantendo a harmonia do conjunto de «Uma Alma Livre», uma produção cinegráficamente inferior, que apenas um desempenho extraordinariamente belo valoriza.

Autora: Adela Rogers St. Johns. Cenaristas: Becky Gardiner e John Meehan. Fotógrafo: William Daniels. Intérpretes: Jan Ashe, Norma Shearer; Stephen Ashe, Lionel Barrymore; Ace Wilfong, Clark Gable; Dwight Winthrop, Leslie Howard; A Avó, Lucy Beaumont.

Produzida em 1931 pela METRO-GOLDWYN-MAYER. Programa Metro-Goldwyn-Mayer Films, Ltda. Estreada no «Trindade» em 22 Novembro 1932.

ALBERTO ARMANDO PEREIRA

Nesta semana fazem anos:

26 de Novembro a 2 de Dezembro

Novembro 26 — Frances Dee.
29 — Rod La Rocque (34).
29 — Genevieve Tobin (28).
29 — Mildred Harris (30).
30 — Jacqueline Logan (30).

Correspondência

Por absoluta falta de espaço, ha dois números que esta secção não é publicada.

Rogamos aos interessados nos relever esta falta, que procuraremos remediar no próximo número.

Caprichos e predilecções das "vedetas"

(CONCLUSÃO DO NÚMERO ANTERIOR)

Quando John Barrymore se cansa de dispendir dinheiro com o seu iáte, dedica-se a gastá-lo em carros eléctricos. Garante que são para o filho, mas este tem apenas alguns meses de idade e alguns dos eléctricos de John já têm três anos. Esta observação não é, porém, bastante forte para desconcertar o grande actor, que, para não se sentir amesquinçado perante os olhos dos seus amigos, arma em homem de larga previdência, garantindo com seriedade: «Adquiri-os com tempo, porque sempre tive o pressentimento de que viria a ser pai de um rapaz afeiçoado a estes brinquedos».

Frank Albertson, Lily Damita e Polly Walters gastam grande parte das suas economias em discos de gramofone. E sempre que aparece um aparelho de rádio mais aperfeiçoado, Lawrence Tibett compra-o imediatamente.

Fifi Dorsay tem a mais completa colecção de sapatos de quarto e «saltos de cama», não só de Hollywood, mas do mundo inteiro. E não são pouco berrantes as côres em que escolhe ambas as coisas.

Sally Eilers tem uma simpatia especial pelos cães, mas os seus preferidos são os «Alberdeen Scotie», dos quais faz criação num espaço reservado do «rancho» de Hoot Gibson, seu marido.

E já que falei de «Scoties», recordo-me de que Janet Gaynor também coleciona estes animais, com a simples diferença de serem em madeira e não de carne e osso.

Loretta Young não resiste ao atractivo das peles finas.

Victor MacLaglen e Charles Bickford dedicam-se à criação de rosas e de flores exóticas. Mas, embora as colecções que possuem sejam dignas de apreço, a de arquideas de Marion Davies não tem rival em toda a Califórnia. Convém todavia esclarecer que o capricho da opulenta «vedeta» não consiste em colecionar flores, mas sim pérolas. A sua colecção destas pedras é considerada como uma das melhores de todo o mundo.

Richard Arlen, Ralph Forbes, o ex-marido de Ruth Chatterton, George Barbier e Richard Bennett, pai das famosas irmãs Constance e Joan, entusiasma-se com as armas de fogo e são caçadores exímios e impenitentes. Têm como parceiros neste desporto os dois Fairbanks e o colossal Bancroft.

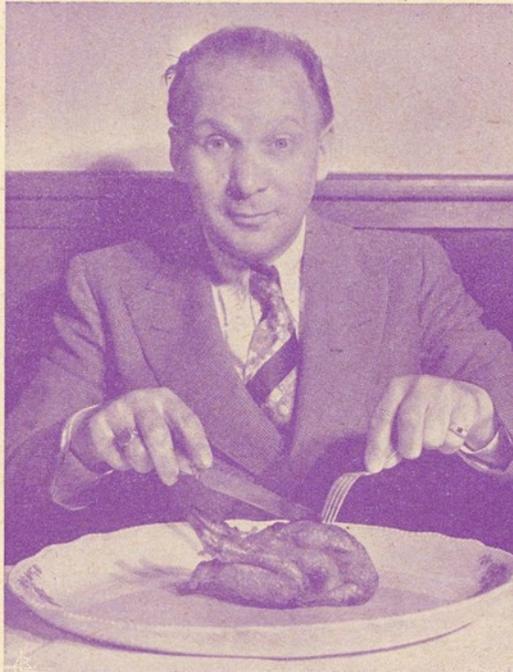
Robert Coogan e Jackie Coogan são dois patinadores incorrigíveis e possuem os mais variados patins. Clara Bow costuma acompanhá-los, pois gosta deste elegante desporto.

Edmund Lowe coleciona trajos

«dernier cri», talvez influenciado pela esposa, a exótica Lil Tashman, que além de ser a mulher mais elegante de Hollywood, é também a que mais importantes sômas dispende para se vestir.

El Brendel é um entusiasta pelos animais de reduzido tamanho. Na sua casa tem vários patos, cães, gatos, ratos brancos, tartarugas, etc. E o mais interessante é que pretende amestrá-los, dispendendo para esse fim verdadeiros tesouros de paciência.

Spencer Tracy fica louco quando vê



Esta gravura não precisa de legenda. Todos conhecem o El Brendel, o impagável cómico da "Fox", que aparecerá nesta época em "Deliciosa", ao lado de Janet Gaynor, Charles Farrell e Raoul Roulien, e em "O Carro de Sua Majestade", ao lado de Lilian Harvey e John Boles.

um bocado de queijo. Sua esposa não gosta de lho comprar em virtude da propensão que tem para engordar, mas Spencer de tempos a tempos compra um a ocultas e come-o gulosamente, sem oferecer um bocado, por mais pequeno que seja, ao mais íntimo dos seus amigos.

Will Rogers tem vários milhões. Mas alguns desses milhões foram empregados e continuarão a sê-lo na compra de cavalos.

Marguerite Churchill e Elissa Landi, esta última vizinha de Rogers, também são grandes apaixonadas pelo hipismo e por várias vezes têm ameaçado Will de lhe roubarem os seus «tesouros».

Bilie Dove não tem nenhum negócio, mas fala constantemente em comprar uma fábrica de isto ou de aquilo, ou um estabelecimento de este ou de aquele artigo. E enquanto se não decide a fazer a escolha, vai gozando o apreço dos seus múltiplos admiradores.

Norma Talmadge coleciona brilhantes e esmeraldas, e Mary Pickford objectos antigos.

Charlie Chase é, incontestavelmente, o colecionador mais original, pois adquire todos os instrumentos musicais que aparecem à venda, para estudar o seu funcionamento. Não quer isto dizer que saiba tocar com perfeição todos os instrumentos que compra. Entretanto, tudo o que toca é com graça e com emoção tais, que todos os seus auditores, mesmo os mais exigentes, tecem grandes elogios ao seu talento musical. Charles Rogers procede do mesmo modo.

Bebé Daniels costumava colecionar perfumes, mas, desde que é mamã, mudou muito. Agora coleciona coisas bonitas para a petiza, reunindo milhares de verdadeiras maravilhas. A filha é a admiração de todas as pessoas das relações dos seus progenitores, pois tudo quanto traz, desde as roupas interiores aos vestidos, vem expressamente de Paris.

Dorothy Jordan e Anita Page passam as horas vagas em roagem pelos estabelecimentos, procurando «a última moda». Resulta que ambas possuem roupas que não conseguiriam usar — se lhes dessem o uso que costuma dar aos trajos qualquer outra mortal — em toda a vida.

Leila Hyams e Karen Morley inventam novos penteados, de cada vez que fazem uma película, e Maureen O'Sullivan tem uma colecção de trajos de banho que bate todos os «records», apesar da de Norma Shearer ser invejável.

Roland Young possui pingüins de todos os materiais imagináveis e bengalas raras.

Tom Mix e Hoot Gibson, como bons vaqueiros que são, entusiasma-se sempre que veem bons arreios para os seus cavalos. Ambos têm gasto sômas consideráveis adquirindo as últimas novidades lançadas por uma fábrica especializada de Buenos Ayres.

Carole Lombard tem um formidável sortido de trajos de setim, brancos e pretos, «o mais cingidos possível», capricho este em que lhe fazera séria concorrência Jean Harlow e Joan Crawford. As três gozam reconhecida fama de serem muito bem formadas e querem demonstrar que, embora decorram os



A "Metro-Goldwyn-Mayer" simpatizou com a Karen Morley e deu-lhe, a despeito de sêr uma newcomer, papeis de relativa importância em "Arsene L'pin'", "O Pecado de Madelon Claudet", "Melodia Cubana" e "Mata-Hari".

Se o talento de Karen Morley corresponde à beleza que possui e que esta recente fotografia nos demonstra, hemos concordar que bem avisada andou a "M-G-M"...

dias e os meses, continuam a sê-lo. Nesse intuito trazem sempre uma simples amostra de roupa interior e trajos muito justos, do que resulta um absoluto destaque de tôdas as suas linhas.

Sidney Ford colecçiona lenços, e Robert Montgomery, além de colecçionar tôdas as espécies de «sueters», pode gabar-se de possuir a maior colecção de «cache-nez» de toda a Califórnia.

Frederick March colecçiona cachimbos. Tem como competidores nesta mania Ronald Colman e William Powell. Há pouco, Richard Barthelmess regressou de uma viagem à China e apresentou os três amigos com outros tantos exemplares de preciosos cachimbos. A satisfação ocasionada por estas dadas foi enorme. Barthelmess esteve a ponto de morrer asfixiado entre os braços dos contemplados.

Actualmente, Clara Bow colecçiona receitas de cozinha, procurando depois reproduzi-las em sua casa. Por vezes não se sai bem das experiências, mas já tem sucedido Rex Bell, o feliz marido, achar que «fez pouco». E isto é sinal de que gostou.

Greta Garbo tem a mais formidável colecção de «sapatos de homem», porque não usa outros na vida privada. Os seus trajos são feitos por um alfaiate «exclusivo para homens». São de corte tam severo e tam masculino que muitas vezes tem sido criticada por falta de feminilidade. E no entanto é ela no «écran» a mais feminina de todas as «estrêlas».

Aqui tens, caro leitor, o que sôbre os caprichos e predilecções das «vedetas» diz Hale Horton no artigo que venho de reproduzir e cuja essência respeitei, embora tenha feito cortes em certos pontos e acrescentado em outros considerações absolutamente pessoais. De facto, a infeliz vitima do desastrado cornupeto não foi Hale Horton, mas sim este teu criado. Hale Horton deve estar livre de tam desagradável incidente. Se não estou em erro, reside em Hollywood, terra civilizada onde estes animaizinhos não passeiam pelas ruas... E se passassem trariam os prolongamentos da cabeça aparados, reduzidos a proporções convenientes, a-fim de não constituírem uma ameaça constante para os admiradores das «estrêlas».

XAVIER D'ATÃES.

Os filmes da «M-G-M» em Paris

Os filmes em francês da «M-G-M» continuam a obter em Paris o maior dos êxitos. Assim, «Mata-Hari», com Greça Garbo e Ramon Novarro, entrou na 5.ª semana de exhibição no «Apollo», e «O Campeão», a super-produção de King Vidor, com Wallace Beery e Jackle Cooper, mantem-se há 4 semanas no programa do «Madeleine».

“A Aventureira de Tunis”

Realização do Dr. Willi Wolf
PRINCIPAIS INTERPRETES
Ellen Richter, Dr. Philipp Mannig
e Theo Shall
Programa Companhia Cinematográfica
de Portugal

ARGUMENTO

O telégrafo das minas de cobre Bertell, transmite à Bolsa de Paris uma notícia sensacional: — «Sublevação em Tunis: As minas Bertell cercadas por tribus árabes. Duzentos europeus sitiados».

O Governo, como a mina esteja situada em terreno disputado, recusa qualquer ajuda militar. E as acções Bertell sofrem uma rápida baixa.

A luta secreta do monopólio do cobre, do norte de Africa, tinha chega-

nhará René à Africa para o auxiliar na sua arriscada empresa. E este, por sua vez, quer livrá-la da perseguição de Ferrero.

Reune-se a eles Emil Dupon, enviado por uma agência, a-fim de guiar a expedição através de Africa, que segundo ele diz, conhece como os seus dedos...

Mas na realidade Emil só tem viajado em sonhos, e apenas pretende vêr-se livre de sua mulher com quem vive em desacôrdo há mais de 20 anos.

Mas Agata consegue descobrir o caminho que o marido leva e segue-o de aeroplano.

No dia seguinte, ao chegarem a Marselha, René é prêsô. Haviam tentado assassinar seu tio, durante a noite, e as suspeitas recaem sôbre ele.



do ao extremo. O adversário do velho Henry Bertell era o conhecido Valera, homem de má fama e sem escrúpulos.

Foi ele quem provocou o levantamento, a-fim de destruir as minas e ficar com o campo livre para os seus tenebrosos manejos. Mas Henry Bertell tivera conhecimento da conspiração e enviara para Tunis metralhadoras e munições destinadas à defesa da mina.

René Bertell, seu sobrinho e único herdeiro, professa uma enorme antipatia pelos trabalhos de escritório. Mas, é com prazer que se incumbe da missão de conduzir até à mina o carregamento de armas.

Ferrero, um dos agentes de Valera, atrai René a uma cilada, por intermédio de Colette, uma interessante bailarina, que se finge apaixonada para melhor lhe poder ministrar um narcótico.

Quando René volta a si, encontra-se prisioneiro. Mas Colette acompa-

Conduzido ao comissariádo, é pôsto em liberdade por Emil, que consegue fazer-se passar pelo juiz.

Quando chegam ao pôrto já o vapor de Tunis tem partido. E o único recurso é seguir para Génova, de onde parte outro na manhã seguinte.

Para a viagem até Génova, arranjam um carro de turistas depois de terem encerrado alguns dêles num velho castelo. Perseguidos pela policia e pela guarda da fronteira, depois de uma corrida vertiginosa, o carro precipita-se no mar com os passageiros. Todos os julgam mortos, mas eles têm conseguido salvar-se.

Depois de se introduzirem no vapor que há-de levá-los a Tunis, Colette encontra-se com Ferrero, que também viaja no mesmo barco. Há uma violenta discussão entre os dois, quando chega René que, depois de uma luta feroz consegue encarcerar Ferrero.

Na capa: — Lillian Harvey, principal protagonista do filme «Um Sôhno Dourado».

Redactores:
João Santos
e Sousa Martins

Redacção e Administração:
Rua do Bom Jardim, 436-3.
PORTO

CINEMA

SEMANARIO CINEMATOGRAFICO

Director e Proprietário: ALBERTO ARMANDO PEREIRA

— Este numero fol visado pela comissão de censura —

ASSINATURAS
Continente e Ilhas:
Trimestre, 12\$00, Sem.
24\$00, Ano, 46\$00 —
Ultramar: Trimestre,
14\$50, Sem. 29\$00,
Ano 56\$00.

Administrador e Editor:
Eugénio Peres

Comp. e imp. nas oficinas
da Empresa AQUILA
Rua Duque Saldanha, 312
PORTO

E quando éste é descoberto já os três fúgitivos têm abandonado o vapor. Ferrero e Valera empregam tôdos os meios para se apoderarem de René e dos documentos que êle leva. Emil, sempre perseguido por sua mulher, dirige-se a Kairovan, a-fim de organizar uma caravana, emquanto René e Colette se refugiam num «Cabaret» do bairro indigena.

Cercados por Ferrero e seu bando, salvam-se fugindo pelos telhados.

Na manhã seguinte, a caravana põe-se em marcha a tôda a pressa, pois as noticias recebidas da mina, são as piores.

Mas em pleno deserto, desencadeia-se um violento «simoun». Tudo parece estar perdido... Colette, então, resolve dirigir-se sózinha à mina, a-fim de animar os mineiros, emquanto não chegam socorros.

Mas cai nas mãos dos árabes que, incitados por Ferrero, resolvem atacar a mina.

Entretanto René alcança a mina e faz fogo sobre os bandidos, com as metrelhadoras.

Esta chuva de balas faz fugir os assaltantes. Ferrero consegue fugir, levando Colette, mas René corre em auxilio desta e ajusta severas contas com êle.

Uma vez salva a mina e os prisioneiros, René e Colette podem dedicar-se exclusivamente ao seu amor.

Emil acaba por descobrir, prisioneira numa das tendas dos arabes, sua mulher. E, com a condição de que de futuro será êle quem mande, restitue-lhe a liberdade...

Miriam Hopkins sai da «Paramount»

Descontente com o papel que lhe davam em «No Man of Her Own», a actriz Miriam Hopkins abandonou os estúdios, tendo sido substituída por Carole Lombard.

BATALHA

(SALÃO HIGH-LIFE)

TELEFONE 1407

CINEMA SONORO

TERÇA-FEIRA, 29 de NOVEMBRO

Estreia no Porto do programa monumental

DYNAMITE

Uma super-produção de Cecil De Mille, com KAY JOHNSON (a protagonista de «Madame Satan») e o grande actor CHARLES BICKFORD

O Direito de Amar

Um grande filme sonoro interpretado pela querida actriz GRÈTA GARBO e o apreciado galã NILS ASTHER

PREÇOS POPULARES

Matinéés às Quintas, Sabados e Domingos

Incontestavelmente o
melhor receptor é o

MENDE

Sonora—Radio

Rua 31 de Janeiro, 190—PORTO

N.º 36

As senhas de cada número só são válidas para os espectáculos nelas indicados. Esta senha de bonus não dá direito a que os portadores entrem acompanhados de crianças.

No «Cine-Odeon» esta senha sómente é valida para os lugares de Fauteuil, Balcão e Camarote.

Senha de Bonus aos compradores do «CINEMA,,

Os portadores desta senha terão o desconto de 50 % nos seguintes espectáculos:

TRINDADE—Matinéés de Quinta-feira e Sabado, 1 e 3 de Dezemb.

OLYMPIA—Matinéés de Quinta-feira e Sabado, 1 e 3 de Dezemb.

BATALHA—Matinéés de Quinta, Sabado e Domingo (1.ª), 1, 3 e 4.

CINE-ODEON—Soirée de Sabado, 1 de Dzeembro.

IMPORTANTE.—As entradas com bonus no «Salão da Trindade» teem os seguintes limites: Plateia, 250; 2.º Balcão, 100; Camarotes, 20. Esgotadas estas lotações, o portador desta senha nada tem a reclamar.

Castelo Lopes, L.^{da}

a firma detentora dos melhores
filmes europeus e americanos,

apresenta na próxima terça-feira

no

Cinema *Águia Douro*

a engraçada comédia

“Anny no Circo”

(“Faut-il les Marier?”)

com a querida actriz

Anny Ondra

e o impagável cómico

Lucien Baroux